

LEANDRO GOMES DE BARROS

Branca de Neve

E O



Soldado Guerreiro

BRANCA DE NEVE E O SOL-
DADO GUERREIRO

Um grande historiador
Narrava um facto importante
Que entre todos os factos
Foi o mais interessante
Sobre a vida de um soldado
E o reino de um gigante.

O facto é como a historia
Da lampada de Aladim
A pessoa se deleita
Lendo a obra até o fim
A historia tem que ver
O escriptor narra assim:

Havia na Asia Maior
Um habitante Troyano
Que tinha todas as famas
De um grande republicano
Esse velho tinha um filho
Chamava-se Verdiano.

Quando Verdiano tinha
Cinco ou seis annos de idade
Sahiu a brincar no campo
Por uma casualidade
Perdeu-se no pé d'um monte
E foi ter numa cidade.

Veredano olhando bem
Se aproximou de um portão
De onde avistou um palácio
E um grande pavilhão
Ao mastro de uma bandeira
Estava encostado um leão.

As clinas ou jubas da fera
Massias como o setim
As presas grandes e groças
Porem de puro marfim
O leão era de especie
Que nunca se viu assim.

Era uma grande cidade
Muito bem edificada
Com magnificos predios
E muito bem aceiada
Alli só podia haver
Nação bem civilisada.

Havia um portão de marmore
Numa praça principal
Do portão estava se vendo
Um paço municipal
Tinha escripto numa placa
Gabinete imperial.

Logo ao passar do portão
Tinha um coreto elegante
Onde haviam 3 estatuas

Feitas a jaspe e brilhante
Uma cobra de metal
De uma forma interessante.

As estatuas eram de um rei
E outra de uma criança
A terceira de uma moça
Suspendendo uma balança
A estatua do menino
Tendo na mão uma lança.

Outra estatua de um soldado
Com uma flor e um breve
Com uma espada em punho
Fingindo ferir de leve
Tinha no peito direito
Escrito Branca de Neve.

Tudo daquela cidade
Era grande e imponente
Elle embora tão pequeno
Conheceu perfeitamente
Que não pertencia a Troya
Pois tudo era diferente.

Tinha uma grande avenida
Calçada toda a cristal
Que ia desde o portão
A um torrião de metal
A onde exitia o grande
Pavilhão nacional.

Ao leste do portão
Havia um grande jardim
Saindo insensante aroma
De cada pé de jasmim
Como monarcha nem um
Já possuiu outro assim.

Verdeano observou;
Por aquelle torrião
Passava uma aguiã branca
E saudava o pavilhão
E a cobra de metal
Fazia venia ao lião.

Elle perguntava a si
Isso aqui em que se encerra
Sem duvida é reino encantado
Que há aqui nesta terra
Quando passou uma dama
Rufaram tambor de guerra.

Muito ao centro da cidade
Ouvia muzica tocar
Rumores de carruagem
Bombas de fogo do ar
Ouvia falla de gente
E fortaleza salvar.

A creança estava alli
Sem saber o que fizesse
E não queria sair

Sem que primeiro soubesse
Procurou saber daquillo
Desse depois no que desse.

A estatua do menino
Tinba traços do Troyano
E se parecia muito
Com o pae de Verdeano
So sendo feita por elle
Não havia um só engano.

O sol ja ia alteando
Verdeano sentiu fome
E disse dentro de si
Neste logar não se come?
Ouvia gente conversar
E fallarem no seu nome.

Elle alertou os ouvidos
Tornou a ouvir fallar
Mas onde era a converça
Elle não ponde atinar
Ouvia dentro do jardim
Uma pessoa o chamar.

E perguntou elle em voz alta
Quem foi que chamou-me lá?
Sou eu repetiu a voz
Verdeano venha cá
Você anda aqui perdido?
Porque não sabe onde está.

Viu elle um throno na sombra
De uma roseira amarella
Nelle sentado uma jovem
Com palma véo e capella
Elle sem pedir licença
Sentou-se no collo della.

Ella perguntou menino
Quem deu-te tanta ouzadia
Para sentar-se num collo
De tanta suberania?
Disse o menino: um immundo
Nelle eu não me sentaria.

A dama disse sorrindo
Tu és um heroi menino
Porem esse collo tem
Um domno que é um ferino
Tu não te bates com elle
Por seres tão pequenino.

Altura não me intimida
Verdiano respondeu
Daqui ha uns annos eu creço
E elle pode ser meu
A javem disse sorrindo
Pois bem inda será teu.

Ella pegando uma flor
Chegou-lhe ao peito de leve
Disse a elle, a te offender

Pessoa alguma se atreve
A flor dexou-lhe no peito
Escrito Branca de Neve

Voltou dalli Verdeano
E daquillo se esqueceu
Tanto que nem disse aos paes
Nada do que succedeu
O letreiro que a flor fez
Nunca mais desappareceu.

Perdeu o pae e a mãe
Então toda populaça
Cada um que lhe dissesse
Que elle fosse sentar praça
Pois era o unico meio
Que livrava-o da desgraça.

Completo 16 annos
Não tinha de que viver
Pegou a faltar-lhe roupa
E até o que comer
Verdiano antes pensou
O que havia de fazer.

Elle tinha horror á farda
Não gostava de soldado
Não achou quem o quizesse
Para ser seu empregado
E não tinha uma acção má
Que tiveese praticado.

Fallou para sentar praça
La foi muito bem aceito
Todo corpo do exercito
Ficou muito satisfeito
Um menistro disse alli
Esse menino tem geito

Nas feições delle se lia
Muito bom comportamento
Coragem, força e manejo
E grande adiantamento:
Aquelle executava bem
E chefia de um regimento.

O rei perguntou-lhe um dia
Voce ler bem e escreve?
Verdeano respondeu
Elrei minha lettra serve
O rei viu no peito delle
Esripto Branca de Neve.

O rei murmurou com sigo
E' muito bom o soldado
Que tem um signal assim
Pois está muito bem marcado
Dizertando em qualquer tempo
Pode bem ser procurado

Então elle alli na praça
De nada quasi estranhou
Depois de cinco ou seis dias

Com tudo se acostumou
Todo mapejo de arma
Ninguem a elle ensinou.

Havia uma coisa nelle
Que recomendava-o bem
Só passeiava sosinho
Não andava com ninguem
Nem a outro companheiro
Nunca tomou um vintem.

Verdeano era um soldado
Guerreiro, forte e valente
Nunca encontrou inimigo
Que saltasse em sua frente
Porque quem partisse a elle
Morria estantaneamente.

Era a columna mais forte
Dos domicilios reaes
O rei confiava nelle
Mais do que nos generaes
E por isso era odiado
Por todos officiaes.

Tanto que o povo dizia
Que o exercito troyano
Desde o mais baixo soldado
Até mesmo o suberano
Só vivia emquanto houvesse
O soldado Verdeano.

Mas elle fazendo tudo
Nunca poudé ganhar nada
A vida do proprio rei
Foi por elle resgatada
E nunca ganhou ao menos
Uma fita de anspençada.

Troya uma vez s'tava em guerra
Quando a Syria a combateu
O general Botemam
Cobardemente correu
Verdeano com cem praças
A dois mil homens venceu.

Esse general covarde
Voltou foi mentir ao rei
Disse; sua magestade
A guerra eu fui quem ganhei
O exercito acobardou-se
Eu quasi só sustentei.

O rei então perguntou
E o soldado Verdeano?
Respondeu o general
Em todo exercito troyano
E' o soldado mais vil.
E traz tudo no eugano.

Em confiava-me nelle
Quando o combate rompeu
Elle achava-se na frente

Foi quem primeiro correu
Deixou as armas no campo
E no mato se escondeu.

Eu calculando que a couza
Se tornaria peor
Tirei 10 officiaes
Do meu estado maior
Seis tenentes e alferes
Um capitão um major.

Porem um juiz secreto
Que foi na expedição
Fingindo ser um empregado
Do fiel do batalhão
Alli no campo de guerra
Fez toda observação

Pois minuciosamente
Espreitou tudo que viu
Disse que o general
Foi quem primeiro fugiu
De todos officiaes
Um só a luta não viu.

E Verdeano tirou
Cem praças do regimento
Tirou 10 cabos de esquadras
E levou mais um sargento
Fez o exercito da Syria
Deixar o acampamento.

O rei tinha confiança
Que o secreto não mentia
Por isso deu toda crença
Em tudo que elle dizia
Sabia perfeitamente
Que elle não levantaria.

Conheceu que o general
Era o covarde mais vil
Era um ser sem confiança
Um traçoeiro sutil
Elle e os officiaes
Foram todos p'ra o fuzil.

Fôrem outro general
Parente do que morreu
Indignado daquillo
Outra idea concebeu
Então ao pobre soldado
Nada alli mais o valeu.

O general poz alli
O calculo em execução
Communicou ao rei
Que havia uma traição
O soldado Verdeano
Formava conspiração

Vejam o que planeou
Aquelle vil general
Prometteu a um sargento

Trez galões de official
Para jurar este falço
A magestade real.

O rei acreditou tudo
Que o general contou
Disse-lhe, mate o soldado
Elle se promptificou
Verdeano adormeceu
O sargento o argemou.

Verdeano inda dormia
Depois de estar argemado
O sargento poz-lhe a mão
Disse; levanta soldado
Venha ouvir ler a sentença
Para ir ser fuzilado.

O soldado com aquillo
Quasi não se encomodou
Quando ouviu ler a sentença
Muito calmo perguntou
Foi pela guerra da Syria
Que o rei me condecorou?

Então marchou Verdiano
Por cem praças escoltado
O general foi alli
Para vel-o fuzilado
Muito alegre por ter tido
Na ideia resultado.

Quando o soldado ia prezo
Ouxiu rugir uma fera
E echoar no espaço
Uma voz grossa e severa
Que dizia: Verdiano!
Branca de Neve te espera.

O soldado conhecendo
Ser aquillo uma ambição
E não era mais que inveja
Aquella horrivel traição
Poude soltar um dos bracos
Arrebatou um facão.

Aquella acção do soldado
Poz a força esmorecida
A mão daquelle soldado
Ja era bem conhecida
Quem partisse para elle
Não precisava da vida.

Armou-se e gritou a força
Aqui não vejo ninguem
De onde vem a desgraça
Sai a fortuna tambem
Pendeu para mim ja sabe
Mato não pergunto a quem.

Derribou o general
Arrebatou-lhe a espada
Que na mão do domno della

Não tinha valor de nada
Mas na mão de Verdeano
Era uma lamina afiada.

Com 2 horas de luta
Verdeano se evadiu
As cem praças que o levavam
A todos elle feriu
As estrellas do general
Todas elle as conduziu

Chegaram outras cem praças
E conseguiram cercal-o
Elle investiu a um major
E depois de derribal-o
Tomou-lhe todas as armas
E carregou-lhe o cavallo.

Quando o major levantou-se
Foi quasi desesperado
Imaginando voltar
Apé e envergonhado
O general sem estrellas
Stava desmoralizado.

Exclamava um capitão
Como chegamos ao rei?
O general soluçando
Dizia; eu que contarei?
Se o rei perguntar-me como
Eu lhe respondo; não sei.

Então disse o coronel
Eu estou impressionado
Sem praças todas feridas
E não morreu um soldado
Eu não duvido que aquillo
Seja um ente emdiabrado.

Quem foi que ja viu no mundo
Brigar com tal ligeireza
Como é que o corpo humano
Obitem tanta destreza?
Se ha ente emdiabrado
Aquelle é um com certeza.

Eu nunca vi um cavallo
Como o que elle tomou
Nas redias do freio d'elle
Nunca inimigo pegou
Na guerra de Babylonia
Muitos a couce matou.

Quando o soldado montou
A toda redea sahiu
Quinze minutos depois
Alli ninguem mais o viu
Foi igualmente a fumaça
Que nos ares se sumiu.

Havia nesse paiz
Uma montanha encantada
Lá não hia uma pessoa

Que não fosse devorada
Chegando ao pé da montanha
Era logo arrebatada.

O soldado perseguido
Pelo reforço que vinha
Seis mil praças atraz delle
Estendidas numa linha
Então aquella montanha
Era o socorro que tinha.

O soldado conhecia
De todo aquelle perigo
Mais para onde elle fosse
Emfrentava o inimigo
Disse eu entro na montanha
Embora acabem commigo.

As seis mil praças que iam
Em sua perseguição
Viram elle entrar na serra
Disse alli um capitão
Já temos plena certeza
De sua consumação.

Disse o general entramos
Isso a de ter um final
Quando a força entrou no mato
Um bicho descomunal
Pegou e levou nos dentes
Trez praças e o general.

Então do centro da mata
Saíam grandes rugidos
Que só pareciam ser
De bichos desconhecidos
Mais de 10 officiaes
Perderam logo os sentidos.

Dalli a força voltou
Perdendo porção de gente
Officiaes quasi loucos
E com falla diferente.
Outros com feições mudadas
O rei viu perfeitamente.

Verdeano entrou na mata
Quinhentos metros andou
Ao chegar numa impoeira
O cavallo recuou
Que diabo tens cavallo?
O soldado perguntou

E se firmando na sella
Viu um negro em sua frente,
Perguntou quem é você
Que me olha horrivelmente
Se pretende qualquer couza
Eu ja estou de sangue quente.

Disse o negro renda as armas
Se entregue logo a prisão
O Senr. entrou aqui

Sem ordem de meu patrão
Eu hei de leval-o prezo
Pois tenho autorisação.

O soldado perguntou
Que patrão é esse seu?
Não posso dizer seu nome
O negro então respondeu
E terminando essas frases
Contra elle se enfureceu.

Verdeano alli tambem
Ao cavallo esporeou
Poz-se bem firme na sella
Pela espada puchou
Com toda ordem de guerra
Ao inimigo esperou.

E partiu um para o outro
O negro rangindo os dentes
Os olhos como umas brazas
Os beiços como dois pentes
Só a presença do negro
Amedrontava os viventes

O cavallo do soldado
Duas horas rezistiu
Ficando muito caçado
Esbaforido cahiu
Felizmente que na luta
O negro não o feriu.

Ficou Verdeano a pé
Porem não esmoreceu
Alli chegou uma moça
Um liquido ao cavallo deu
O cavallo ficou bom
Rapidamente se ergeu.

Agora disse o soldado
Em victoria aqui nem pense
Eu estando nesse cavalo
Um exercito não me vence
Chegue agora o que chegar.
Vindo, a lucta me pertence,

O negro empunhou o arma
E fallou a Verdeano
Entregue-me logo as armas
Se não quer morrer, troyano
Eu hei de leval-o prezo
Perante ao meu suberano

Toda sua valentia
Terminará muito breve
Seu cavallo nada val
E nem a espada lhe serve
Hoje eu o dou de presente
A linda Branca de Neve.

Havemos de ver depois
Disse o jovem Verdeano
Quanto desgosto terá

O teu senhor soberano
Quando estiver algemado
Por um soldado troyano

Ao terminar estas frases
O negro olhou e partiu
O soldado se firmando
Animado o investiu
Mas o cavallo do jovem
Não resistindo cahiu.

Porem o soldado heroi
Vendo o cavallo cair
E o negro ameaçal-o
Para o matar ou ferir
Fallou em vozes bem alta
Estamos prestes a concluir.

O negro partiu a elle
Numa colera desmarcada
Vibraudo nelle o alfange
Mas errou a cutilada
O soldado era um heroe
Livrou-se dessa pancada.

E no que se desviou
Pegou o negro de geito
Descarregando-lhe um golpe
Tirou-lhe o braço direito
Depois foi que conheceu
Aquillo ser um defeito.

E disse ao negro; desculpe
Eu o ferir desse lado
Eu firo meu inimigo
Porem o conservo armado
O negro fez-lhe continencia
Disse-lhe muito obrigado.

Estou ferido disse o negro
Não posso mais pelejar
Meu regimento prohibe
Homem ferido lutar
Pode ficar esperando
Que vem outro em meu lugar.

Verdeano ficou só
Olhando para o caminho
Ouviu alguém perguntar-lhe
Guerreiro estás sosinho?
Trouxeram-lhe uma bandeja
Com fructas, pão, e com vinho.

Depois que o guerreiro fez
Uma bôa refeição
Tumou um cantaro de vinho
Com as fructas e o pão
Um indio enfrentou-o alli
E deu-lhe voz de prizão.

Foi outra lucta tremenda
Do indio com Verdeano
O indio disse em voz alta

Entrega as armas troyano
Esse indio que estás vendo
Resiste batalha um anno.

O guerreiro ouvindo aquillo
Levantou-se e não popou-o
Com duas horas de lucta
Verdeano ameaçou-o
Mas o indio deu-lhe um golpe
Que com esse derribou-o.

E ia repetir outro
Porem suspendeu a mão
No peito de Verdeano
Viu um sino Salomão
Recuou cinco ou seis passos
Com grande admiração

Verdeano alli não deu
Signal de mal satisfeito
O indio lhe perguntou
Com muita calma e respeito
Troyano, quem foi que fez
Este signal em teu peito?

Não digo porque não quero
O soldado respondeu
Não é preciso eu dizer
O nome de quem me deu
Naquelle momento o indio
Dalli desapareceu.

Dalli o soldado ouviu
Uma peça detonar
E no cume da montanha
Uma corneta tocar
Ouvia pedir socorro
Uma pessoa chorar.

Vôava um passaro chorando
Muito sentido a dizer
Faz pena Branca de Neve
Sem culpa alguma morrer
Quando bater meia noite
Ha de desaparecer.

Disse o soldado consigo
Eu vou ver se salvo ella
Quem sabe ! até pode ser
Aquella linda donzella
Que quando eu andei perdido
Sentei-me no collo della.

Empunhando a espada
Se enterrou de mata a dentro
Deparou com um jardim
Mormurou consigo eu entro
Os gritos continuavam
No jardim porem ao centro.

Abriu um portão de ferro
Que dava entrada ao jardim
Quando um gigante enorme

Enfrentou-o e disse assim
Volte daqui não prosiga
Do contrario terá fim.

Elle investiu o gigante
A espada o derribou
Ameaçando-lhe a vida
Tudo alli lhe perguntou
E o gigante com medo
O que havia confessou.

Disse que alli era um reino
De uma nação muito boa
Existia uma herdeira
Daquella grande corôa
Uma fada com inveja
Foi alli e encantou-a.

Um genio padrinho della
A tinha patrocinado
Deu-lhe uma flor porem ella
Deu essa flor a um soldado
Vai morrer a meia noite
O termo ja foi lavrado.

Então o soldado disse
Que havia de lhe pagar
Se elle ensinasse um geito
Que elle a pudesse salvar
Então o gigante disse
Que não podia ensinar.

Apenas disse ao chegar
Naquelle outro portão
Veja que a direita delle
Tem um sino Salomão
Passe pelo lado esquerdo
Veja não ponha-lhe a mão

Verdeano fez direito
Tudo que disse o gigante
Deparou com uma moça
Num carcere repugnante
Estava alli a terminar
A vida a qualquer instante.

Puchando pela espada
Botou abaixo o portão
Quebrou as grades de ferro
Mas naquella occasião
Enfrentou-o uma serpente
Uma aguia e um leão.

O guerreiro conhecendo
Que podia ficar tarde
E se a moça falecesse
Elle seria um covarde
Partiu-lhe logo as algemas
E poz ella em liberdade

O leão com um rugido
Fez a terra estremecer
A aguia tomou um vôo

15
p
Que se ouviu o ar tremer
A serpente ficou só
Tratou logo de correr.

O soldado ficou livre
Porem muito esbaforido
A jovem se levantou
E cobrou todo sentido
Porem disse a Verdeano
Inda não está dissidido.

O soldado perguntou
Inda tenho que lutar?
Disse o jovem eu tenho medo
Não torne a fada a voltar
Ella deixou o condão
Pode ainda o procurar.

Verdeano perguntou
Pela vara de condão
Branca de Neve lhe disse
Está enterrado no chão
Sete braças de fundura
Dentro de grande caixão.

A fada tinha um projecto
Depois de 7 mil annos
Transformar em pedras negras
A todos os suberanos
E sepultar de uma vez
Todos soldados troyanos.

Depois dessa operação
Colocar-me numa furna
Então já tinha escolhido
Uma montanha suturna
Para depois encantar-me
Numa ave feia e noturna.

Mas meu padrinho é um genio
Me disse não tenha medo
Eu criarei um menino
Que desenrola esse enredo
Deu-me uma flor e me disse
Nesta flor está o segredo.

Meu padrinho por si só
Não podia fazer nada
Tem muita força também
Mas é mais moço que a fada
Por elle uma magica della
Não será dezencantado.

O joveu foi e cavou
Sete braças de fundura
Tirou um caixão de ferro
Com sete palmos de altura
Trez mil chaves ocupavam
Cada uma feichadura.

Tinha umas listas de fogo
Sobre a tampa do caixão
Alli só Branca de Neve

Podia lhe por a mão
Que a flor que o genio lhe deu
Dava-lhe autorisação.

E assim que abriram o caixão
A montanha estremeceu.
Soltaram um echo tão grande
Que todo espaço tremeu
Branca disse a Verdeano
Descança a fada morreu.

Uma grande ventania
Chegou naquelle momento
O genio padrinho de Branca
Chegou nas azas do vento
Disse a Branca e a Verdeano
Se unam em casamento.

Disse o genio a Verdeano
Serás tu o rei agora
Será um dos teus soldados
O que foi teu rei outr'ora
O falço que levantaram-te
Foi para tua melhora.

Este reino era um paiz
Muito rico e abundante
Uma fada amou ao rei
O rei não foi-lhe constante
Ella transformou num pombo
E esse pombo em Gigante.

O gigante era um cruel
Fegou o pombo matou-o
A fada fez uma magica
E num leão transformou-o
Esse reino era de Branca
Porem o leão tumou-o.

Mas depois de seis mil annos
Ja estava sentenciada
Ir habitar numa furna
Em morcego transformada
Com toda força que tenho
Não pude alli fazer nada.

Aquelle negro feroz
A quem você combateu
Era um principe encantado
Aquelle ao voltar morreu
Branca ia ser queimada
Pela ceia que lhe deu.

Aquelle indio Guerreiro
Que veio do centro da serra
Antes de ser encantado
Era um grande desta terra
Foi secretario do rei
Depois ministro da guerra.

O genio abraçou os dois
E fez recomendação
Que guardassem com cautella

A varinha de condão
E depois do casamento
Fizessem bôa união.

Cazaram e o genio foi
Ao monarcha troyano
Esclareceu-lhe o que havia
E disse que o suberano
Seria Branca de Neve
Esposa de Verdeano.

As testemunhas de Branca
Foram duas assúcenas
Um nevoeiro auri-verde
Duas estrellas pequenas
Duas garças muito alvas
Com letras d'ouro nas penas.

As testemunhas do noivo
Foi a planta da estrada
Por onde elle conseguiu
Entrar na serra encantada
Foram suas testemunhas
A planta e a sua espada.

PLAISIU O' astro troyano
ESCLARECEU-SE A VERDADE
ABRIU-SE A PORTA DA VIDA
NO MUNDO DA LIBERDADE
VENDO A CONHECER QUE A SORTE
ZOLAR FAZ POR SOBRE A MORTE
O QUE TEM FELICIDADE.

6057

Obras do Autor

ROMANCES COMPLETOS EM VERSOS A 1\$000 RS.

A Força do Amor—H. de Marina e Alonso.

A Morte de Alonso e a Vingança de Marina.

A Filha do Pescador.

O Mal em Paga do Bem—H. de Lino e Rosa.

Historia do Cancão de Fogo.

A Mulher Roubada.

O Principe e a Fada.

Historia da Donzella Theodóra.

O Boi Misteriozo.

O Cachorro dos Mortos.

Os Sofrimentos de Alzira.

Alem destes Romances, Leandro Gomes de Barros tem mais de 500 qualidades de Folhetos de versos a 200 rs. que vende em grosso com grande abatimento, na caza de sua residencia á Rua do Motocolombó n. 28 em Afogados arrabalde do Recife.

LGB